

Sobre os pontos a percorrer:

1. Antiga Estação Elevatória de Esgotos (ponto de partida)

Durante os séculos XVIII e XIX, até o início do século XX, o lixo e os materiais fecais das casas e estabelecimentos da área central podiam ser enterrados, mas eram mais costumeiramente lançados nas ruas, nos rios ou na praia (vale lembrar que o mar então chegava muito próximo das edificações daquele núcleo urbano). A esse respeito, o costume foi reconhecido oficialmente, pois o código de posturas municipal registrou, na década de 1880, a tentativa de regulá-lo: conforme destacou Oswaldo Rodrigues Cabral, se o lixo era lançado “à praia a qualquer hora”, “as águas servidas e as fezes, só à noite, das 10 horas até o alvorecer, às 5.” (CABRAL, 1979, v. 1, p. 177). Essa situação só seria alterada com o estabelecimento de um sistema de recolhimento (e, posteriormente, de tratamento) de esgotos, mesmo que geograficamente restrito a alguns bairros.

Localizada na Rua Antônio Luz, em frente à Praça XV de Novembro, no Centro de Florianópolis, a edificação da antiga Estação Elevatória de Esgotos fez parte do primeiro conjunto de estações para o bombeamento de esgotos da cidade. Sua construção se iniciou em 1913, no governo de Vidal Ramos, mas as obras sofreram os efeitos da eclosão da Segunda Guerra Mundial (em 1914) e só foram concluídas em 1916, quando então a estação foi inaugurada pelo governador Felipe Schmidt. As características arquitetônicas da edificação a tornaram conhecida como “castelinho”, juntamente com outras duas similares existentes na cidade. Esta estação foi desativada na metade do século XX, pois já não dava conta das demandas, devido ao aumento da população: a capital catarinense passou de 32.229 habitantes, em 1908, para 98.520, em 1920. A edificação, porém, permaneceu de pé. Em 1986, a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN), atual responsável pela rede de esgotos e pelo abastecimento de água da região, solicitou à Fundação Catarinense de Cultura seu reconhecimento como parte do patrimônio de Santa Catarina, por meio de tombamento; à época, a companhia instalara no prédio um pequeno acervo relativo ao saneamento público, o que fizera com que atribuísse à antiga Estação Elevatória a denominação de “Museu do Saneamento”. O tombamento estadual ocorreu em 31 de dezembro de 1986. Desde 1987 esse bem tombado não funciona como instituição ou espaço museológico; atualmente, apresenta estado de conservação ruim.

2 e 3. Fonte Grande e Fonte do Campo do Manejo

Na capital catarinense dos séculos XVIII e XIX (a antiga Desterro), essas duas fontes de água, juntamente com a **Fonte da Carioca** ou **do Ramos** (onde hoje é o Largo do Fagundes, entre as ruas Felipe Schmidt, Tenente Silveira e Sete de Setembro) e a **Fonte da Palhoça** ou **do Largo da Palhoça** (atual Rua Vidal Ramos), formavam a rede de abastecimento de água. Essas fontes estavam ligadas a rios e córregos, o mais caudaloso deles sendo o Rio da Bulha, que alimentava a Fonte Grande; ao longo de seus cursos instalavam-se lavadeiras. Para além de suas funções básicas (prover a população de água), as fontes (com seus chafarizes ou “cariocas”) eram pontos de extrema importância para as relações sociais entre escravizados, libertos e livres pobres e, posteriormente (após a abolição da escravidão), entre as pessoas dos grupos populares que habitavam a região. Entre os séculos XVIII e XIX, era onde trabalhadoras e trabalhadores, livres ou escravizados, comentavam sobre seus serviços e seus patrões; onde havia risos e danças, mesmo se proibidos pelas posturas municipais. Mas as fontes também eram popularmente conhecidas pela contaminação e sujeira de suas águas, que precisavam ser bem fervidas antes do consumo final, para que não gerassem doenças. Essas fontes de água foram associadas, por exemplo, aos surtos de tifo e cólera que ocorreram fortemente durante o século XIX.

Nas três primeiras décadas do século XX, os governos de Gustavo Richard, Vidal Ramos, Felipe Schmidt e Hercílio Luz implementaram, na capital de Santa Catarina, um conjunto de reformas urbanas modernizadoras: a primeira rede de abastecimento de água encanada (1909), que envolveu a construção de um reservatório no Morro do Antão, aperfeiçoando os pontuais encanamentos de córregos realizados na década de 1880; a iluminação pública com energia elétrica (1910); a primeira rede de esgotos (construída entre 1913 e 1917); a canalização do Rio da Bulha, entre 1919 e 1922, realizada para a construção da atual Avenida Hercílio Luz (inicialmente chamada Avenida do Saneamento). Além disso, deve-se referir a construção da primeira ponte ligando o continente à ilha (que recebeu o nome de Hercílio Luz), obra concluída em 1926, e que promoveu uma importante medida tida então como higienizadora: a

transferência do cemitério (situado no Morro da Rita Maria, na direção da cabeceira insular da ponte) para o bairro do Itacorubi, entre 1923 e 1926. Com isso, inúmeras transformações foram produzidas, entre elas, a eliminação do recurso a cariocas ou chafarizes das antigas fontes de água (e das formas de sociabilidade que as tomavam como ponto de referência), o progressivo fim dos despejos de lixo e dejetos na área de praia e, em especial, o deslocamento dos pobres da região do Centro (embora alguns tenham ocupado morros no entorno, ou mais distantes, como pode ser observado na atualidade nos Morros da Caixa, da Cruz, do Horácio e da Penitenciária).

4. Avenida Hercílio Luz (projetada como “Avenida do Saneamento”)

Concebida inicialmente como a avenida que seria denominada “do Saneamento”, a Avenida Hercílio Luz foi a primeira da capital catarinense, tendo sido construída no bojo dos projetos higienistas e sanitaristas da Primeira República. As obras para sua abertura no final da década de 1910 e sua inauguração ocorreu em 1922. Suas obras eram um projeto ambicioso, de um lado por sua extensão (que ligava a Baía Sul à Baía Norte, o Centro à então chamada “Praia de Fora”) e, de outro, pela destruição que envolvia, sobretudo de moradias populares, identificadas por autoridades governamentais e pela imprensa florianopolitana como lugares extremamente sujos e focos de epidemias.

Neste mesmo eixo “saneador” foi implantada a Maternidade Dr. Carlos Corrêa, cujo projeto foi aprovado no mesmo ano de conclusão da Avenida Hercílio Luz; sua inauguração ocorreu em 1927.

5. Estação elevatória do Largo São Sebastião (ou “Praça dos Namorados”)

Compôs o primeiro sistema de bombeamento da capital catarinense, juntamente com outras três edificações: a já referida Estação Elevatória da Rua Antônio Luz; a Estação Elevatória da atual Praça Governador Celso Ramos; a já inexistente Casa das Máquinas, que ficava próxima à Ponte Hercílio Luz, pelo lado da ilha. A estação elevatória da Praça dos Namorados foi desativada, junto com todo o sistema, em 1966, quando a empresa Azevedo Cunha tornou-se responsável pelo sistema de esgotos da região (o que perdurou até 1970). Atualmente, encontra-se em excelente estado de conservação, melhor do que o de sua “irmã” próxima à Praça Fernando Machado. A pesquisadora Bruna Michels destacou que a estação está inserida no tombamento municipal do Largo de São Sebastião, efetuado em 1995.

6. Estação de Tratamento de Esgoto da CASAN, Beira-Mar Norte

Criada por lei em 31 de dezembro de 1970, a CASAN é uma sociedade de economia mista responsável pelo abastecimento e tratamento de água e esgoto no estado de Santa Catarina, mediante convênios com os municípios. A partir da década de 1980 é realizada a ampliação da cobertura do serviço, com a criação de pontos de coleta de esgoto em Coqueiros (1982), na Lagoa da Conceição (1988) e em Canasvieiras (1995). Em 1997, foi inaugurado o atual Sistema Insular de Esgoto de Florianópolis; na Beira-Mar Norte está uma das estações de tratamento integrantes deste sistema.

Para refletir:

Através deste roteiro, pode-se pensar sobre os significados do saneamento básico: como isso transforma o espaço urbano? Como afeta os fazeres comuns e cotidianos, a vida de diferentes grupos sociais?

Embora o saneamento básico tenha obviamente aspectos positivos, no exemplo de Florianópolis percebe-se que, com as reformas sanitárias, os mais pobres foram alvo de preconceito e marginalização, perdendo espaços relevantes de convívio e práticas sociais. O que leva a refletir: *Haveria uma relação necessária entre projetos de saneamento e o reforço (ou a ampliação) da desigualdade social? Como projetos similares poderiam ser conduzidos para que isso fosse evitado?*

Pode-se ainda pensar sobre os processos de atribuição de valor simbólico a determinadas edificações. Afinal, *por que apenas uma das antigas estações elevatórias de esgoto foi objeto de proteção, por meio de tombamento?* Que aspectos da história da cidade e até mesmo de sua materialidade, no tempo presente, permitem compreender as razões do mau estado de conservação do prédio da estação elevatória da área central, próxima à Praça Fernando Machado, se comparada ao prédio da Praça dos Namorados?

Referências

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República.** São Paulo, 1989. 216 p. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina.** 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro.** Florianópolis: Lunardelli, 1979. 2 v.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério: a transferência do cemitério público de Florianópolis, 1923-1926.** Florianópolis, 2004. 86p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade do Estado de Santa Catarina.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis – Ilustrada.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

MICHELS, Bruna. O patrimônio edificado em Florianópolis: o caso dos castelinhos. In: **Anais eletrônicos do 5º. Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação,** Belo Horizonte, 24 a 26 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/71293.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Processo de tombamento estadual da antiga Estação de Elevação Mecânica, Rua Antônio Luz, Florianópolis, SC (Processo nº 008/86). Arquivo da Diretoria de Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura.

RAMOS, Átila Alcides. **O saneamento em dois tempos: Desterro e Florianópolis.** Florianópolis: CASAN, 1983. 56p.

Sítio eletrônico da CASAN. **História da CASAN e do saneamento em Santa Catarina.** Disponível em: <<https://www.casan.com.br/menu-conteudo/index/url/historia-da-casan-e-do-saneamento-em-santa-catarina#795>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Sítio eletrônico da CASAN. **Os esgotos da ilha.** Disponível em: <<https://www.casan.com.br/menu-conteudo/index/url/os-esgotos-da-ilha#0>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Sítio eletrônico da CASAN. **Terreno histórico abrigará projeto comunitário.** Disponível em: <<https://www.casan.com.br/noticia/index/url/terreno-historico-abrigara-projeto-comunitario#0>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Sítio eletrônico do IBGE. **Censo de 1908.** Disponível em: <https://?seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_022.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Sítio eletrônico do IBGE. **Censo de 1961.** Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1961/populacao_m_1961aeb_01a24.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis – memória urbana.** Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.